

Demagogia e discursos anti-ideológicos

As investidas da direita fazem-se sentir da forma mais despuorada. O pacote laboral, a reforma da administração pública e a proposta de reforma da lei de bases do sistema educativo configuram, entre outras medidas, um conjunto de intensões marcadamente ao serviço de interesses específicos e pondo em causa a constituição e os valores de uma sociedade verdadeiramente democrática.

Aferir tudo pelo critério falacioso da suposta qualidade da gestão de modelo empresarial e economicista, é invocar uma generalização redutora da amplitude real dos problemas que se levantam na sociedade portuguesa. Ao ignorarem-se as especificidades do sector público, por exemplo, cuja responsabilização, transparência e finalidades são necessariamente diversos do sector privado, abreviam-se soluções que beneficiam este último, por um lado, e criam-se factores políticos artificiais, por outro. Artificialidade a suportar a demagogia característica deste governo. Colhe na opinião pública apontar os funcionários públicos, os professores ou as contratações colectivas da crise actual, cujos contornos ultrapassam em muito as meras habilidades aritméticas do orçamento. Considerar a reforma da administração pública como panaceia para todos os males que nos afligem é outro argumento falacioso. Da mesma forma, pensar a Escola de acordo com critérios economicistas e considerar o problema do ensino enquanto uma questão meramente gestonária, exprime uma mentalidade apolítica e sem fundamentos ideológicos. E a História já demonstrou sobejamente a quem pertence o discurso anti-ideologias...

Apetece dizer que de tudo o que o governo se propõe fazer nada sairá de proveitoso. A montanha parirá, inevitavelmente, um rato. Os verdadeiros problemas da economia residem na confiança, no investimento e no aumento do consumo. Sem incentivar estes factores o ciclo económico continuará estagnado. Com efeito, salários baixos (moderação salarial que certamente não afectará os inefáveis gestores nem os ?boys? laranja, passo a redundância) não estimulam o poder de compra, o comércio não vende, as fábricas não produzem o suficiente e abrem falência, aumentando o desemprego e diminuindo mais o consumo. As mais elementares regras do raciocínio lógico levam-nos a concluir que o governo parte de pressupostos errados dos quais as ilações resultarão em incontornáveis sofismas. Perguntarão se se tratará de incompetência ou má fé? Pela minha parte, creio estarmos perante uma direita reaccionária a instrumentalizar o poder político e o Estado de acordo com os desígnios do capitalismo. E para governos sem ideologia e com discursos meramente demagógicos, o desinvestimento na educação transforma-se em estratégia essencial.